

# GORONGOSA

## A bestialização do homem ou o regresso ao australopitecus

Texto e fotos de J. Khossa

Segundo alguns autores da história universal, há milhões de anos esta zona austral da África foi habitada por um grupo de hominídeos que se crê terem sido os primeiros exemplares daquilo que constituiu a primeira manifestação de vida humana no nosso planeta, o que em outras palavras significa que a África teria sido então o berço da humanidade.

Outros autores há que refutam ou tentam refutar essa primazia. Dizem que outro tipo de hominídeo com as mesmas características do australopitecus teria também existido noutros pontos na mesma altura em que aquele habitava a África. Mas essas discussões em pouco ou em nada afectam o sentido da mensagem que me propus trazer a esta tribuna. Se me referi a ele — o australopitecus — foi porque encontrei no nosso país rastros de acções que coincidem extraordinariamente com a descrição que os livros fazem do que era a prática quotidiana do tal australopitecus, sobretudo no que respeita à sua organização e modo de vida. O australopitecus, segundo a história, vivia

em hordas. Não fazia distinção entre esposa e filha, isto é, não tinha consciência de família nem de paternidade. Promiscuía-se.

Em Gorongosa foi-me dado observar o resultado daquilo que foi a convivência forçada de um grupo de populações com um outro grupo de hominídeos cuja prática quotidiana se assemelha à daqueles que são considerados os primeiros habitantes deste planeta. Estes hominídeos, cujo rasto encontrei em Gorongosa, também vivem em hordas, isto é, em bandos. São nómadas. Alimentam-se, grosso modo, daquilo que encontram à sua passagem.

Também não têm noção de família, nem de paternidade. São os Bandos Armados, um fenómeno de regressão histórica que, no capítulo das calamidades, ocupam a quarta posição cronológica no nosso País.

Não obstante estas semelhanças, há, contudo, diferenças que importa salientar. Enquanto que, o australopitecus, mercê do fraco desenvolvimento da sua capacidade craniana utilizava instrumentos toscos para as suas caçadas aos mamutes e a outros bi-



Carlos Manuel Jamael — «Apresentei-me com a minha arma na Casa Banana»

chos, o exemplar actual utiliza meios à altura do desenvolvimento das capacidades cranianas do «Homo Sapiens Fossilis» ou Homem Moderno não para caçar elefantes e seus similares, mas sim para caçar o homem que luta pelo seu próprio progresso. No seu tempo, o australopitecus obedecia a uma fase determinada do desenvolvimento da história. O exemplar actual age precisamente no sentido de fazer regressar a história e o seu desenvolvimento. Estas foram as considerações. Vejamos os factos:

### 1.º Depoimento:

«Chamo-me Carlos Manuel Jamael, tenho 20 anos de idade, sou natural de Alto Molócuê, Província da Zambézia. Estudei até à 3.ª classe. Eu era trabalhador do sector de pecuária na Companhia Sena Sugar Sta-



*Gozo José Caetano — «Lá, para uma pessoa morrer não custa mesmo. Até para uma galinha se tem cerimónia»*

te, em Luabo. No dia 7 de Fevereiro de 1985 os bandos armados atacaram o nosso acampamento, raptaram-nos e roubaram umas cabeças de gado. Levaram-nos para uma zona chamada Muto aonde chegámos ao fim de dois dias de marcha sem descanço e sem comida. Quando chegámos cortaram-nos o cabelo em cruz. Chegámos a essa base em Maio e desde esse tempo até à tomada da «Casa Banana», local onde me fui apre-

sentar com a minha arma nós só comíamos peles de boi e milho assado».

### 2.º Depoimento:

«Chamo-me Gozo José Caetano, tenho 20 anos de idade, sou natural de Khudzo, Gorongosa. Os bandos armados chegaram à minha povoação, queimaram casas e mataram pessoas. Depois reuniram parte da população e disseram que queriam comida e raparigas. Mataram todo aquele que se recusou a entregar-lhes comida e/ou a sua filha. Levaram as raparigas à força para as suas bases e levaram-nos a nós também. Como eu era natural daquela zona disseram-me para andar com o grupo destacado para a procura de comida junto das populações. Na base as raparigas eram maltratadas, mais do que nós os homens. Cada rapariga era mulher de muitos bandidos. A nós os novos na base (iniciandos) obrigavam a manter relações com nossas familiares, irmã ou tia. Muitos foram mortos porque se recusaram a obedecer... E quando mandaram procurar comida e voltar sem nada eles matam.

Lá, para uma pessoa morrer não custa mesmo. Até para uma galinha se tem cerimónia».

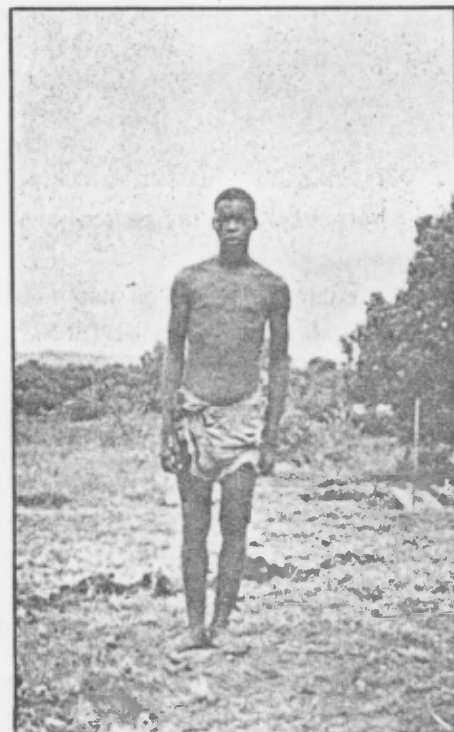
### 3.º Depoimento

«Chamo-me Lucas Facla, tenho 15 anos de idade, sou natural de Canda, estudei até à 3.ª classe. Eu vivia com os meus pais quando os bandos armados chegaram e disseram ao meu pai que me queriam levar com eles. O meu pai negou e eles mataram-no. Levaram-me até ao acampamento deles, mas eu fugi de lá e voltei para casa. De dia ficava no mato e só voltava a casa à noite. No dia 12 de Março de 1984 apareceram de novo e perguntaram a minha mãe onde é que eu estava. Ela disse que eu não estava. Eles disseram: dá comida. Ela disse que não tinha. Então queimaram a casa e eu com medo saí. Eles viram-me. Então dispararam contra a minha mãe e ela caiu ali mesmo eu a ver. Eu tinha 14 anos. Levaram-me para a base e disseram-me para ser madjiba e que haviam de matar-me se eu não obedecesse».

De todos os entrevistados, quer na população, ela própria, quer no grupo daqueles que constituíam os iniciandos, nenhum encontrou palavras

ou termos de comparação para o tipo de vida que se levava junto dos bandidos armados. Houve até aqueles que se recusaram a dar crédito à sua visão tendo afirmado categoricamente que: «Não são pessoas».

Eusébio Sandé, um dos recém-chegados à aldeia de Mukhodza afirmou que não compreendia como é que um homem podia chegar a dar mais valor a uma gazela do que a um homem. Ele que conseguira fugir do mato juntamente com os seus 5 filhos, esposa, mãe e sogra disse que ainda sofria pela sorte daqueles que lá ficaram. Com os olhos postos na montanha de onde desceu falava como se por artes mágicas a sua voz pudesse ser ouvida por eles. Sandé deplorou ainda a nudez que é imposta às populações pelos bandos armados. «Eles



*Lucas Facla — «Mataram a minha mãe para me obrigarem a ser madjiba. Ainda consegue estar mais bem vestido que a maioria dos cativos»*

tiram-nos toda a roupa que é para não fugirmos. Homens, mulheres, filhas e mães ficam ali só com cascas de árvore no corpo». Um outro velho em cujo rosto lia-se a passagem dos anos disse-me que para fugirem às imagens iníquas da nudez das suas noras, filhas e esposas passavam o dia no mato só voltando a casa à noite e, Madalena Escova, mãe de Eusébio Sandé afirmou apenas que «já tenho roupa e comida. Já não



*Família de Eusébio Sande. No olhar as amarguras de um passado ainda recente*

sinto vergonha de olhar para os meus filhos».

Se Madalena Escova já não sente vergonha de olhar para os filhos, o mesmo não se pode dizer daqueles que algures neste nosso país vivem ain-

da, na carne e no espírito, as sevícias de um retrocesso forçado. Aqueles que ainda se cobrem de cascas de árvores ou de pedaços de pára-quadras, aqueles que sofrem ainda os abusos atrozes dos agentes da mor-

te, aqueles que são utilizados como escudo que garante a retirada do bandido armado quando acossado pelas nossas forças. Mas o facto de saber que Madalena Escova já não sente vergonha e nem tão pouco se sente insegura é já uma vitória que vem somar-se à vitória de Nkomati, que irá engrandecer as que se irão seguir.

Foi contra o atraso que, em 1964, as armas entoaram o cântico da revolta e foi pelo progresso que o nosso povo aceitou empenhorar a vida pela independência porque para ele — o Povo — independência significa felicidade e bem-estar. Lutamos para despir a tanga secular que em postais e fotografias simbolizava o moçambicano. O nosso povo conhece as delícias da independência. Por isso recusa as cascas de árvores, os pedaços de pára-quadras com que lhe querem cobrir o corpo neste tempo em que os homens já revolveram a lua e lutam por chegar ao último planeta do nosso sistema. A nosso povo nega o australopitecus não como verdade histórica, mas como uma realidade que lhe estão a impor. □



*Eusébio Sande — «Pessoa não é como gazela». Veio quase nua. As roupas receberam-na na aldeia*



*Madalena Escova — Embora com a vergonha do passado no rosto, no presente «Já não sinto vergonha de olhar para os meus filhos»*